

## IMPROVISAZÃO E RECURSOS TECNOLÓGICOS: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS IMAGEM E SOM

Julio Victor Neves de Sousa (MUSE - UDESC)<sup>1</sup>, Cecília M. Pinheiro Machado<sup>2</sup>, Juliana Sens<sup>3</sup> (MUSE - UDESC) (Orientadora - UDESC), Viviane Beineke<sup>4</sup> (Orientadora - UDESC).

**RESUMO:** Este trabalho descreve propostas de atividades musicais para crianças envolvendo recursos tecnológicos. As atividades foram desenvolvidas com uma turma de oficina de música, formada por crianças de 9 a 11 anos. Esta oficina é oferecida como projeto de extensão do programa Muse, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). As propostas práticas de improvisação, composição e *performance*, foram mediadas por processos de produção de áudio como gravação e edição, sonoplastia e trilha sonora com o uso de imagens. As aulas culminaram na elaboração de uma peça audiovisual pelas crianças que consistiu na composição de uma trilha sonora e sonoplastia para um vídeo de animação. Após o desenvolvimento das atividades durante um semestre de aulas na oficina pôde-se concluir que a utilização de projetos audiovisuais e tecnologias de produção musical oferecem possibilidades para experiências musicais consistentes e motivadoras com as crianças, além de possibilitar o exercício de diferentes modalidades de práticas musicais criativas e significativas.

**Palavras-chave:** tecnologia; improvisação musical; oficina de música.

### Introdução

Os avanços tecnológicos nas últimas décadas tornaram possível o barateamento e a distribuição de aparelhos de alta performance como computadores e celulares *smartphones*. Esses avanços também viabilizaram a popularização de recursos e técnicas de produção audiovisual com o uso de editores de vídeo e áudio, aplicativos musicais e instrumentos virtuais cada vez mais avançados e acessíveis, que vem alterando a relação das pessoas com a música (LORENZI, 2008).

<sup>1</sup> Acadêmico do 3º ano do curso de graduação em Licenciatura em Música da UDESC. [juliovictors@hotmail.com](mailto:juliovictors@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Música da UDESC. [marconpinheiromachado@gmail.com](mailto:marconpinheiromachado@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de graduação em Licenciatura em Música da UDESC. [julianasens.musica@gmail.com](mailto:julianasens.musica@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Música da UDESC. [vivibk@gmail.com](mailto:vivibk@gmail.com)

Os recursos tecnológicos atuais inspiram o fazer musical criativo das crianças em suas casas e na escola (HUNTMANN, 2013, p. 85). Portanto, a tecnologia pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento de propostas pedagógicas e projetos em diversos contextos de educação musical, além de ampliar a compreensão dos processos de composição e *performance* musical.

Este texto analisa e discute atividades musicais que foram desenvolvidas com o emprego de recursos tecnológicos, a partir da observação e reflexão sobre o trabalho.. O trabalho aqui discutido foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2014 em uma turma das Oficinas de Música do MusE, com o foco em atividades de improvisação e composição com recursos tecnológicos.. Para encerrar o semestre, a turma compôs uma peça audiovisual intitulada “O Porquinho da Oficina”.

As aulas da oficina abordaram apreciação, composição, improvisação e *performance* musical sob o viés das novas mídias, proporcionando contato direto com a música (SWANWICK, 2003). As atividades foram elaboradas para introduzir as funções da tecnologia para a produção musical, oportunizar experiências musicais através do uso de computadores, microfones, vídeos e outros recursos tecnológicos e, por fim, gerar registros audiovisuais das peças produzidas para a apreciação e análise crítica das próprias crianças. As crianças foram convidadas a conhecer e experimentar música de uma maneira abrangente, de acordo com o contexto de produção de música e áudio da atualidade, podendo utilizar esse aprendizado dentro e fora da sala de aula.

## **Fundamentação Teórica**

As atividades desenvolvidas envolveram a projeção de imagens e vídeos, e a utilização de equipamentos de gravação para a prática de improvisos e composições. Essas propostas buscam proporcionar experiências que possibilitem o desenvolvimento e apropriação do discurso musical pelas crianças de acordo com as novas práticas musicais permeadas pelos recursos tecnológicos. Para Burnard e Boyack (2013) tarefas de improvisação podem ser usadas para desenvolver formas de engajamento através da interação com regras. Para elas essas atividades desenvolvidas em grupo são motivadoras, contribuem com a aprendizagem incentivando a criação, a imaginação, proporcionando diversas possibilidades de engajamento na atividade e papéis das crianças no grupo.

[...] as crianças aprendem a observar e interagir ouvindo e vendo, praticando repetidamente a partir do que elas observam. Isso leva as crianças a imaginar um cenário desconhecido em tempo real e enriquecer as ideias e possibilidades de aprendizagem que as relações de aprender, tocar e desempenhar diferentes papéis no grupo oferecem (BURNARD, BOYACK; 2013. p. 27).

Essas autoras argumentam que as atividades de improvisação desenvolvem a escuta articulada à *performance*, nas quais as crianças desenvolvem a compreensão sobre como as ideias musicais podem ser repetidas, transformadas e desenvolvidas. E, essas habilidades são fundamentais para aprendizagem musical criativa. Elas destacam que possibilitam, também, que os professores conheçam o trabalho musical dos seus alunos; escutando cuidadosamente as improvisações em progresso, podem observar as contribuições individuais e como o grupo responde a elas.

As autoras dão destaque à importância do conhecimento da perspectiva das crianças sobre suas produções, que possibilitam aos professores acessar os seus entendimentos e contribuir melhor com a aprendizagem. Ao ofertarmos espaço, tempo, confiança e liberdade as crianças se envolvem de forma alegre e imaginativa em processos de improvisação musical. “Se elas estão ouvindo, observando ou executando, individualmente ou participando

de um grupo de improvisação, todas têm a oportunidade de responder ao cenário musical enquanto ele se desenrola” (BURNARD; BOYACK, 2013, p. 36). Essas atividades engajam professores e alunos em diferentes processos de trabalhos, e possibilitam a exploração de diferentes tipos de construção musical. “As atividades de improvisação permitem que as crianças criem com base em suas experiências, conhecimentos e capacidade de compreensão, engajando-as criativamente no aqui-e-agora imediato da prática musical” (BURNARD, BOYACK; 2013. p. 27).

Burnard (2000) destaca que as crianças incorporam a improvisação nos seus processos composicionais, no entanto, dependendo da sua intenção, vivenciam improvisação e composição de formas variadas. Na pesquisa da autora as crianças revelaram entender a relação entre essas duas modalidades de três maneiras: (1) improvisação e composição com fim em si mesmas, como atividades de orientações diferentes; (2) como entidades relacionadas quando a improvisação é usada em ordem de realizar performances e composições; e (3) como formas inseparáveis e indissociáveis em intenção.

Burnard (2002) ressalta que os professores possuem pré-concepções sobre composição e improvisação que influenciam a sua prática pedagógica e pensando nisso devem cuidar para ofertar um ambiente propício à criatividade e encorajar as crianças a discutir e desenvolver suas próprias concepções. As crianças devem ser incentivadas à pensarem crítica e criativamente analisando suas experiências musicais, o que contribuirá dando sentido à aprendizagem.

Se nós reconhecermos a importância das falas das crianças elas construirão socialmente maneiras de compor e improvisar na sala de aula. Compartilhar entendimentos ajudará as crianças a reconhecer porque elas estão fazendo certas atividades e o que estão fazendo, levando-as a uma consciência sobre como as realizam. Dando, então, às crianças a oportunidade de articular seus entendimentos e ampliar o aprendizado (BURNARD, 2000, p.22).

A composição musical vem sendo progressivamente valorizada no ensino de música, destacando-se a importância de analisar e compreender as aprendizagens envolvidas nesse processo (BEINEKE, 2008). Segundo França (2002) uma composição acontece quando se organizam ideias musicais, sendo essencial para a experiência devido à sua própria natureza: é o processo pelo qual toda e qualquer obra musical é gerada. Esse argumento é suficiente para legitimá-la como atividade válida e relevante na educação musical, qualquer que seja o nível de complexidade, estilo ou contexto.

Sobre a utilização de recursos tecnológicos Ruthmann (2013) afirma que computadores podem ser considerados instrumentos musicais em si próprios. Segundo ele, o computador inspira novas práticas e a difusão de dispositivos móveis entre as crianças, cria o acesso a poderosos aplicativos musicais, novos modelos de prática musical criativa e caminhos de engajamento nas atividades musicais.

Ruthmann (2013) caracteriza esses caminhos como uma “musicalidade através de novas mídias”. Esse fenômeno é composto por uma ampla coleção de práticas musicais criativas, na qual vídeos, imagens e sons são utilizados interativamente como meio para a expressão musical. O autor explica que a proposta da utilização das novas mídias na educação musical parte do entendimento de que as crianças podem se envolver como novos produtores *designers* e criadores musicais, ampliando-se os tradicionais papéis de executantes e ouvintes. Na mesma direção, Galizia (2009) expõe que o acesso aos *softwares* de gravação e edição possibilitam recriar execuções de uma banda inteira com a mesma qualidade de um estúdio profissional.

### **Apresentação e Contextualização**

As Oficinas de Música do MusE atendem, este ano, crianças de seis a onze anos e fazem parte do Programa de Extensão Música e Educação da Universidade do Estado de

Santa Catarina<sup>5</sup>. As oficinas são oferecidas para crianças da comunidade buscando proporcionar aprendizagens musicais significativas por meio de atividades com canto e instrumentos musicais; espaço para comporem as próprias músicas, para gravar e analisar a sua produção e a de outros músicos, podendo, ampliar suas ideias de música. O projeto objetiva formar sujeitos críticos e reflexivos em relação ao universo musical onde estão inseridos e, também, a formação de educadores musicais, favorecendo a relação entre ensino, pesquisa e extensão, quando ao produzir conhecimentos a partir da prática pedagógica pode retorná-los à comunidade (BEINEKE, 2013).

O projeto é oferecido anualmente, sendo as aulas realizadas semanalmente, com duração de uma hora e quinze minutos. As aulas são realizadas em uma sala do Departamento de Música equipada com diversos instrumentos musicais, como: pianos, flautas, xilofones, muitos tipos de instrumentos de percussão e objetos sonoros. Neste ano foram formadas três turmas com quinze crianças cada. As aulas são ministradas por alunos(as) da Licenciatura em Música, um bolsista e um estagiário, sob a orientação de professoras da disciplina de estágio curricular e da coordenadora do projeto. São realizadas reuniões semanais com toda a equipe nas quais são discutidos os princípios pedagógicos que orientam as Oficinas, os planejamentos, assim como os relatos e são feitas reflexões conjuntas sobre as aulas.

A demanda por atividades relacionadas às tecnologias de produção musical criou-se a partir das gravações dos álbuns da oficina que registram o trabalho realizado anualmente. Durante as gravações as crianças entram em contato com os equipamentos de estúdio e os processos de produção musical; e, as composições são arranjadas e registradas com a participação de músicos convidados. Porém, essa interação das crianças com o processo de produção esteve até então limitada pela duração e dinâmica acelerada das sessões de estúdio.

---

<sup>5</sup> O Programa de extensão é coordenado pela professora Regina Finck, a coordenação do Projeto Oficinas de Música é da professora Viviane Beineke e as professoras Cecília Marcon Pinheiro Machado e Gabriela Flor Visnaldi fazem a orientação dos estagiários.

No fim de 2013 a coordenadora das oficinas sugeriu que atividades relacionadas ao registro e manipulação de sons e música, dentre outros aspectos tecnológicos, poderiam tornar-se o cerne do trabalho em pelo menos uma das turmas. Isso ocorreu uma vez que a gravação do álbum se consolidou como uma experiência significativa para todos os envolvidos.

A turma com a qual este trabalho foi desenvolvido contou com quatorze inscritos no início do ano e se estabilizou, depois de algumas evasões, com oito crianças com idades entre nove a onze anos<sup>6</sup>. A maior parte das crianças possui alguma experiência musical, tendo participado de aulas de musicalização, canto coral, flauta doce, ou teclado.

### **Descrição das Atividades**

A oficina buscou introduzir elementos de produção musical relativos às novas mídias com a turma. As atividades também envolveram práticas relacionadas à música do século XX, como a elaboração e uso de partituras gráficas e música concreta, além de sonoplastia e trilha sonora para criar peças e improvisos. Foram realizadas gravações em sala de aula, sonorizações de imagens e também de vídeo, com o auxílio de recursos como um computador, placa de áudio digital, um aparelho de som, um projetor *data show* e diversos instrumentos musicais e objetos sonoros.

A primeira atividade (atividade 1) propôs a realização de um improviso, no qual, a partir de uma sequência de imagens organizada em apresentação de *slides* e projetada na sala, as crianças tocavam tempo real utilizando instrumentos e objetos sonoros disponíveis na sala. As imagens, uma para cada criança, eram apresentadas em sequência, e as crianças tocavam de acordo com o que a imagem sugeria para elas. A proposta foi experimentar o resultado do conjunto dessas improvisações individuais como uma composição coletiva. Esse tipo de abordagem de tarefas de improvisação é defendido por Burnard e Boyack (2013) por

---

<sup>6</sup> Cinco crianças estudam em escolas privadas, três em escolas públicas. Apenas uma criança já havia sido aluna da Oficina em ano anterior.

desenvolver formas de engajamento da interação com regras, que podem ser motivadoras por proporcionar aprendizado a partir da observação e interação.

As mesmas imagens foram utilizadas em uma atividade seguinte de composição (atividade 2), na qual, impressas em cartelas, as figuras foram organizadas como partitura gráfica pelas crianças, agora divididas em grupos, e executadas com a instrumentação que preferiram. Essas atividades foram gravadas e assistidas posteriormente com as crianças.

Para realizar as gravações foi posicionado um microfone direcionado aos executantes, como em um estúdio, os professores buscaram também reforçar a postura de silêncio e concentração que permeiam as sessões de gravação. As gravações foram realizadas com um microfone dinâmico ligado a um notebook pelo intermédio de uma placa de áudio digital portátil, posteriormente todas as gravações realizadas utilizaram os mesmos recursos. O software utilizado nas gravações e edições foi o *Studio One*. A placa de áudio portátil é um dispositivo que permite utilizar um computador pessoal como uma estação de gravação. Por sua praticidade e preço acessível, placas de áudio digital possibilitaram na última década a disseminação de estúdios caseiros (*home studio*) e uma maior acessibilidade às práticas de produção e gravação de áudio. As gravações também poderiam ter sido realizadas em um gravador portátil de áudio digital, ou mesmo telefones celulares, considerando a perda de qualidade devido as limitações dos microfones embutidos. A interface com o notebook foi escolhida por possibilitar que as crianças visualizassem os espectros de onda das gravações, se relacionando de maneira mais efetiva com os resultados das captações e das edições do áudio realizadas no momento da atividade.

Paralelamente a essas atividades com gravação outras atividades foram desenvolvidas. Essas atividades contribuíram para ampliar as experiências musicais das crianças e tornar os encontros diversificados. Foram realizadas atividades com percussão corporal; improvisação com o uso da escala pentatônica maior em xilofones e metalofones; execução de ostinatos nesses instrumentos; e, atividades com flauta-doce. Todas essas experiências somadas as



atividades 1 e 2 abordaram aspectos que convergiram para a composição de um projeto final que foi apresentado em um recital no fim do semestre.

A escolha por iniciar as atividades com imagens estáticas se deu por acreditar-se que ofereceriam maior abertura para criação e a exploração dos instrumentos e objetos sonoros, uma vez que o toque da criança não estaria delimitado pelo tempo e dinâmica do movimento de um vídeo. Portanto, especialmente por se tratar do primeiro contato com esse tipo de incursão sonora, as figuras foram escolhidas como ponto de partida. Decidiu-se que seriam utilizados vídeos quando as crianças já estivessem mais familiarizadas com os instrumentos e com a prática musical, mas também mais entrosadas entre si e desinibidas.

Nos últimos encontros a turma compôs uma trilha sonora e sonorização para um vídeo curto de animação já existente, escolhido pelos professores. Esse processo (atividade 3) envolveu gravação e manipulação<sup>7</sup> de sons, produção de áudio, composição e sonoplastia. Como os resultados seriam apresentados em um recital no qual as outras turmas da Oficina estariam tocando e cantando, a apresentação também contemplou uma *performance* para complementar as gravações de áudio e o vídeo. Com essa atividade foi possível abordar diversas linguagens e processos para criar uma apresentação multimídia. A trilha sonora foi composta e gravada em conjunto com as crianças, a sonoplastia foi ensaiada para ser executada em tempo real no momento da apresentação do vídeo, garantindo o elemento performático do projeto.

A animação escolhida foi “Ormie”<sup>8</sup> um curta-metragem cômico, disponível na internet que mostra um porquinho atrapalhado tentando alcançar um pote de biscoitos localizado sobre uma geladeira. Cada cena consiste em uma tentativa maluca e frustrada da personagem para alcançar o pote. O vídeo foi escolhido por ser engraçado e atrativo, possuir um andamento adequado para a execução da sonoplastia e apresentar variedade de possibilidades sonoras a

<sup>7</sup> A manipulação do áudio consistiu nos processos de edição e mixagem e foi realizada por um dos professores. Futuramente almejamos realizar atividades nas quais as crianças participem mais ativamente neste processo.

<sup>8</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=CxmbmcDrXRk>

serem exploradas. A estrutura narrativa da animação permitiu que o vídeo fosse editado, diminuindo sua duração sem que a história fosse prejudicada, para adequar o número de eventos sonoros às possibilidades da turma, considerando o número de crianças e o tempo para ensaio.

O projeto do vídeo intitulado “O Porquinho da Oficina” foi desenvolvido em três aulas. Na primeira aula as crianças foram apresentadas a animação “Ormie” sem o áudio original. O áudio foi omitido para evitar sugestões e não estabelecer uma base de comparação entre a *performance* e o áudio original que pudesse ser limitadora, especialmente em relação à trilha sonora. As crianças gostaram muito do vídeo e se envolveram com a proposta. Na elaboração da *performance* a mediação dos professores foi mais presente no início: eles anotaram e criaram um roteiro com as crianças, enumerando os eventos sonoros e discutindo em conjunto como os sons poderiam ser realizados, para depois as crianças improvisarem a sonorização.

Na medida em que o vídeo era reexibido, as crianças começaram a tomar iniciativas e assumir a responsabilidade pela criação e execução dos sons. Elas vasculharam a sala atrás de timbres adequados e debateram entre si sobre a melhor forma de tocá-los. A sonorização foi desenvolvida assim na sequência de improvisações que eram avaliadas pela turma e, a cada repetição, novas ideias foram executadas.

Na segunda aula ocorreu a composição e gravação a trilha sonora do vídeo. A composição da trilha foi mediada pelos professores utilizando-se duas frases melódicas na escala pentatônica que as crianças já haviam explorado nos xilofones e metalofones em uma aula anterior. A partir daquele material melódico as crianças poderiam improvisar; justapor e sobrepor as frases de maneira a compor uma peça com estrutura formal, motivo e variações e criar acompanhamento com os instrumentos de percussão.

A elaboração das sequências, repetições, sobreposições (gerando harmonias), dinâmicas e variações de timbre entre xilofones e metalofones criaram uma experiência representativa

do processo de composição de acordo com o que propõe França (2002). Uma aluna inclusive trouxe as letras “a e b” para designar os temas e partes da música; essa intervenção foi incorporada ao processo e compartilhada com a turma.

As crianças improvisaram um “coral de porquinhos” e gravaram, sobrepondo na gravação instrumental, a melodia “a” cantando-a imitando o grunhido de um porco. Ao som dos xilofones e metalofones foram somados o som de um carrilhão, um ganzá e um tambor, que também foram escolhidos e gravados pelas crianças. As gravações foram editadas e mixadas pelos professores e o material musical foi inserido de diversas maneiras no decorrer do vídeo.

A terceira aula foi no dia da apresentação, apenas algumas horas antes do recital e consistiu em um ensaio geral da apresentação. As crianças acrescentaram novos sons a partir de sugestões nossas; e, realocaram os instrumentos dos colegas que faltaram. A apresentação foi feita com entusiasmo pelos alunos. Foi uma *performance* rica, pois ao mesmo tempo em que a plateia se surpreendeu com as trapalhadas do porquinho no vídeo projetado, as crianças, cercadas de uma grande variedade de instrumentos, se empenharam para conseguir executar os sons da sonorização em tempo real e nos momentos certos. A trilha sonora tocada em *playback* serviu também para expor outros aspectos do trabalho da turma ao longo do semestre: a produção musical e a gravação.

### **Considerações finais**

A partir da tendência do ensino musical por meio das novas mídias observada em Ruthmann (2013) a oficina realizada procurou desenvolver as práticas musicais que exploraram recursos tecnológicos e experiências com produção de peças musicais e multimídias. Todos os registros gravados em aula foram mostrados para a turma para análise

crítica e, enquanto ensaiavam a apresentação as crianças apreciavam e avaliavam o resultado sonoro. Como observado por Lorenzi (2008) a apreciação de gravações contribui para os alunos desenvolverem diferente percepção sobre suas composições, ampliando a compreensão sobre o que realizaram.

Na atividade com a partitura gráfica a montagem dos painéis com as imagens tangibilizou os processos composicionais de organização e distribuição de ideias sonoras. Na criação da trilha sonora outros elementos da composição foram trabalhados, como a criação de diferentes texturas e dinâmicas, além da forma e estrutura. Os resultados obtidos com a atividade de sonoplastia estão de acordo com as afirmações de Burnard e Boyack (2013), já que motivaram o envolvimento e participação criativa. Após essa atividade percebeu-se que o desenvolvimento de um processo semelhante com o vídeo seria bem recebido.

Os ensaios da sonoplastia do vídeo geraram *performances* que foram se aprimorando no decorrer do tempo, o engajamento das crianças foi notável e o nível de exigência delas com relação a sua atuação e a dos colegas foi elevado, gerando uma experiência musical rica, com interação, experimentação e precisão na execução. A utilização de imagens e vídeos foi muito eficaz para desenvolver experiências musicais, especialmente com o uso da animação.

As atividades com gravação podem ser aprimoradas, pois as crianças apenas foram gravadas, enquanto poderiam estar mais envolvidas com o processo de captação, edição e, sobretudo, com a manipulação do áudio após a gravação. Além disso, os resultados das captações realizadas não foram adequados, Ficou perceptível a falta de uniformidade e limpeza nos resultados, haviam ruídos feitos pelos demais alunos, notas finais cortadas antes da hora e os posicionamentos das crianças em relação aos microfones não foi realizado de maneira a obter resultados sonoros semelhantes em gravações de instrumentos ou partes diferentes dentro da mesma atividade. Mesmo tendo consciência de que a sala de aula não oferece condições ideais para a captação de áudio, acredita-se que as gravações realizadas

poderiam contribuir mais nas vivências musicais realizadas caso fossem abordadas de uma maneira mais minuciosa.

Talvez a tentativa de criar uma atmosfera de silêncio e concentração para gravação tenha falhado devido ao curto período de tempo e a pouca atenção dedicada às gravações nas aulas, uma vez que as gravações eram sempre realizadas ao final das aulas como registro de um processo e não como um processo musical em si. A partir desta experiência, pode-se sugerir que as atividades que envolvam gravações exercitem alguns aspectos e procedimentos fundamentais ao se gravar, como a microfonação de instrumentos e ambientes e a captação de áudio, para que as experiências musicais oriundas destes processos possam ser construídas e praticadas junto às crianças em propostas dedicadas a produção musical a partir da gravação. Dessa maneira a gravação e edição do áudio podem ser empregadas significativamente como ferramentas no desenvolvimento de novas linguagens musicais de acordo com Ruthmann (2013).

Posteriormente novas propostas de composição e improvisação serão empregadas, adequando as atividades de gravação de acordo com as observações realizadas e também, agregando material melódico composto pelas crianças. Com a continuidade das oficinas novos recursos e práticas podem ser inseridos como o uso de celulares como gravadores portáteis e a edição de áudio, ao menos coletiva, no computador presente na sala de aula, para que as crianças tenham experiência com a manipulação e edição dos sons que captarem. Dessa maneira pode-se obter maior proximidade com essas atividades, que permitem a criação e articulam as modalidades de prática musical, executar, compor e apreciar.

As atividades partiram de improvisações coletivas, mas em determinadas atividades os improvisos foram estruturados e apropriados a composições sonoras. Em outras propostas as crianças desenvolveram composições próprias ou estruturaram materiais melódicos oferecidos de antemão em composições coletivas. A análise coletiva dos trabalhos e a atenção às ideias das crianças sobre o processo e sobre o que desejam experimentar e produzir orientará

também o trabalho; para que elas se sintam produtoras da sua própria música, agentes do seu aprendizado; para que desenvolvam autonomia e possam ampliar as suas experiências musicais colaborativamente.

A inserção de imagens, vídeo e equipamentos de gravação ao se trabalhar música foi algo novo para as crianças, que ficaram deslumbradas. Observou-se que o fato de elas saberem que seriam gravadas fez com que se preocupassem com o que iriam tocar possibilitando concentração e foco nas atividades. Mesmo assim acredita-se que isso não tirou a liberdade de criação, elas se sentiram motivadas e ajudavam umas às outras, conversando sobre que instrumentos tocar, como e em que momento tocar.

## Referências

BEINEKE, Viviane. A Composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V.20, 19-32, set. 2008.

BEINEKE, Viviane. Oficinas de Música para Crianças. In: *III Encontro de Pesquisa e Extensão do MUSE*, 28 e 29 de maio e 10 de junho de 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2013.

BURNARD, Pamela. How children ascribe meaning to improvisation and composition: rethinking pedagogy in music education. *Music Education Research*, v 2, n.1, p. 7 – 23, 2000.

BURNARD, Pamela; BOYACK, Jenny. Engaging interactively with children`s group improvisations. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively*. London: Routledge, 2013. p. 25-36.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.

GALIZA, Fernando Stanzione. Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre V.21, 76-83, mar. 2009.



ISSN 2316-1418. V. 3, N. 1

XI SIMPÓSIO DE ARTE-EDUCAÇÃO  
**DIALOGANDO**  
COM AS TECNOLOGIAS

DE 8 A 12 DE SETEMBRO DE 2014 GUARAPUAVA, PARANÁ | UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE (UNICENTRO)

RUTHMANN, Alex. Exploring new media musically and creatively. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively*. London: Routledge, 2013. p. 85-97

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.